

Mitologia e Comunicação

Marcelo Sampaio de Alencar
Instituto de Estudos Avançados em Comunicações (iecom)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

1 O Mensageiro dos Deuses

A mitologia grega vem fascinando gerações há milênios. Seus deuses, mais que quaisquer outros de diferentes povos ou religiões, ganharam projeção mundial e hoje denominam doenças, distúrbios psicológicos, características pessoais, acidentes geográficos, remédios, substâncias, automóveis, cidades e planetas (1).

Diversos povos adaptaram suas crenças, em uma espécie de sincretismo religioso, para assimilar os deuses gregos. Os romanos adaptaram sua religião antiga, dita pagã pelos cristãos, para incorporar Zeus, como Júpiter, Hades, como Plutão, Afrodite, como Vênus, Ares, como Marte, Hefastos ou Hefestos, como Vulcano, Poseidon, como Netuno, e Hermes, como Mercúrio, além de outros. Os escandinavos veneravam Odín, um deus equivalente a Zeus em importância. O deus guerreiro Tor era o equivalente de Marte, por exemplo.

A religião católica, que partiu do pressuposto do deus único, adotado pelos povos semitas, também se deixou seduzir pela mitologia grega e apresenta certo sincretismo. Os deuses católicos vivem no Céu, como os gregos habitavam o Olimpo e os nórdicos moravam em Asgard. O nome Deus tem a mesma origem de Zeus, o radical indo-europeu *deiwos*, cujo sentido preciso é “antiga denominação do céu”. O radical entrou no latim como Iou e com aposição de *piter* (pai), formou Iuppiter, “o pai do céu luminoso”, também conhecido como Júpiter.

Zeus é, portanto, o deus do alto, o soberano, “o criador”. Seus dois grandes atributos são cosmogonia e paternidade, que também são atributos do deus dos católicos. Deus em grego se diz *theós*, que significa espírito, alma. A idéia de *theós* como deus é recente e teria se desenvolvido, provavelmente, a partir da divinização dos mortos. A palavra alma tinha outro significado para os gregos, mais próximo do que hoje se denomina animação, termo derivado de *anima*, ou alma.

Em diversas religiões, as profissões, as artes, os esportes, além dos fenômenos da natureza, tinham deuses a representa-los. Os índios brasileiros tinham Tupã, para representar o Sol, que os egípcios chamavam de Ozíris. Vulcano era o deus daqueles que trabalhavam com ferro, símbolo da metalurgia. Marte, o deus dos militares e das guerras para os gregos e romanos, como São Jorge é o deus guerreiro para os católicos.

Dionísio, ou Baco para os romanos, era o deus do vinho e da fertilidade. Poseidon, o deus dos terremotos e dos mares para os gregos, assim como São Pedro é uma espécie de deus das águas para os católicos. Eros, como Afrodite, representava o amor na grécia, assim como Santo Antonio é o deus do amor e do casamento para os países católicos. Hera, irmã e esposa de Zeus, também protegia os casamentos. Ártemis, a Diana dos romanos, era a deusa-virgem da Lua, que também era representada por divindades entre os índios e outros povos antigos. Os gregos tinham deuses para a proteção à natureza, como os católicos têm São Francisco.

A igreja católica é pródiga na produção de deuses e semi-deuses. O próprio Deus católico é composto de Pai, Filho e Espírito Santo, três deuses em um. O número de santos é elevado, mais de um para cada dia do ano, e cresce a cada dia com as novas canonizações. O início do processo, chamado beatificação, envolve a comprovação de, pelo menos, dois milagres atribuídos ao pretense santo. Há ainda os anjos do

bem, em grande número, e os do mal, incluindo Satanás, versão cristã para Hades, guardião do mundo inferior.

Os gregos também criavam novos deuses a cada ano. Eles realizavam as olimpíadas, até o quinto século, e costumavam canonizar os vencedores, que assim se transformavam em semi-deuses, com direito ao Olimpo.

2 Os Mitos Gregos e Católicos

Os mitos gregos e católicos sobre a criação do mundo, das coisas e dos seres, são similares. Os gregos, mais criativos, acreditavam que o mundo provinha do Caos, espécie de substância amorfa, que preenchia o universo, da qual surgiram os velhos deuses, ou Titãs, dirigidos pelo deus Cronos. Segundo os gregos, Úrano (Céu) se uniu a Géia ou Gaia (Terra) para produzir diversos descendentes, incluindo os Titãs, as Titânidas, os Cíclopes, os Hecatonquiros, além dos que surgiram diretamente do sangue de Urano (2).

O Caos era o estado primordial, primitivo do mundo. Era, segundo os poetas gregos, uma matéria que existia desde tempos imemoriais, sob uma forma vaga, indefinível, indescritível, na qual se confundiam os princípios de todos os seres particulares. Caos era ao mesmo tempo uma divindade rudimentar, capaz, porém, de fecundar. Gerou primeiro a Noite, e depois o Érebo.

A Noite desposou Érebo, seu irmão, de quem teve o Éter e o Dia. Os gregos compreendiam o Éter como o Céu, separado dos corpos luminosos. Dizia-se que o Éter e o Dia foram o pai e a mãe do Céu. Essas estranhas uniões significam somente que a Noite existia antes da criação, que a Terra estava perdida na obscuridade que a cobria, mas que a Luz, penetrando através do Éter, havia iluminado o universo. Como a religião cristã resume, no Gênesis, a Noite e o Caos precederam a criação do Céu e da Luz. Um sincretismo perfeito entre a mitologia e as religiões ocidentais.

A própria lenda de Noé foi tirada da mitologia grega. No caso dos gregos, apenas Deucalião e Pirra sobrevivem ao dilúvio que Zeus mandou ao mundo pervertido. Era a Idade do Ferro, que se seguia à do Ouro, Prata e Bronze, na qual surgiram as guerras, a desconfiança entre irmãos, pais e filhos e a Terra ficou encharcada de sangue. Zeus pretendia destruir o mundo pelo fogo, com um raio, para criar uma nova raça de homens mais dignos e que soubessem cultuar os deuses, mas foi dissuadido pelos outros deuses que temiam que o Céu fosse danificado no processo de destruição.

O homem também foi criado da terra, misturada com água, à imagem e semelhança dos deuses, por Prometeu na mitologia grega, assim como nas religiões atuais. Prometeu era um dos Titãs, uma raça de gigantes que habitou a Terra antes dos mortais.

A primeira mulher teve uma origem polêmica, ora teria sido criada por Zeus e enviada a Prometeu para puni-lo por ter roubado o fogo do Céu e dado ao homem, ora teria sido uma criação conjunta de vários deuses.

Outra lenda diz que Pandora foi criada por Vulcano, um dos deuses mais horrendos. Mas também há uma versão na qual Zeus teria mandado Pandora para agradar ao homem. O fato é que Pandora, como Eva, também tinha uma curiosidade atroz e abriu uma caixa que pertencia a Epimeteu, irmão de Prometeu, liberando todos os males da Terra. Restou apenas na caixa a esperança. Uma lenda não muito diferente daquela da árvore do conhecimento, que condenou Adão a diversos sacrifícios por conta da curiosidade de Eva.

Entidades com poderes e história equivalentes aos de Jesus aparecem com frequência na mitologia grega. O médico Asclépio, filho de Apolo, fez tal progresso em sua arte de curar, que chegou mesmo a ressuscitar vários mortos. Zeus, temendo que a ordem do mundo fosse transtornada com esse conhecimento, eliminou Asclépio. Apolo, não podendo se vingar de Zeus, matou os Cíclopes, fabricantes do raio, símbolo do poder de Zeus.

Um figura lendária como Jesus certamente teria estudado os gregos, sua mitologia e também sua filosofia. No discurso de Jesus aparecem os ensinamentos de Sócrates e Platão sobre a justiça, o estoicismo de Zenão, que certamente inspira o despreendimento do filho de Deus. Aparece o método de purificação

pelo sofrimento e também a morte como argumento maior para a manutenção de princípios, como fez Sócrates.

As religiões são, na verdade, proto-ciências, tentativas de explicar a natureza e seus fenômenos com os conhecimentos da época. O que não era bem entendido, como a criação do universo, o nascer do Sol, os raios, ficava então a cargo dos deuses, sempre criados à imagem e semelhança de cada povo. O trovão seria produzido, segundo a mitologia nórdica, pelo martelo de Tor. A passagem do tempo, segundo os gregos, era função de Cronos, também responsável pela seqüência das colheitas.

Não seria surpresa encontrar também um deus grego para as comunicações, com todos os atributos que teria uma tal entidade para representar o que se entende como transmissão de informação hoje em dia.

3 O Mensageiro dos Deuses

Hermes era filho de Zeus e de Maia, filha do titã Atlas. Os romanos o chamavam Mercúrio, que vinha da palavra Merces, mercadoria. Mensageiro dos deuses e particularmente de Zeus, ele os servia com um zelo infatigável e sem escrúpulo, mesmo nos empregos pouco honestos. Participava de todos os negócios, como ministro ou servidor (3).

A idéia de ser mensageiro de Deus também ocorria ao padre Landell de Moura, semi-deus das comunicações no Brasil, como ele mesmo descreve: (4).

“Deus serviu-se de minha humilde pessoa para levantar o véu que encobre os segredos da natureza, porquanto o sistema de radiotelefonia, atualmente em uso, é baseado no princípio da perposição dos movimentos ondulatórios elétricos e na aplicação de uma lâmpada semelhante à lâmpada de Crookes, de três electródios, um pouco modificada, e a qual serve tanto para transmitir quanto para receber mensagens telefônicas e telegráficas, sem fio condutor.”

A arte de comunicar as ideias pela linguagem era um dos atributos de Hermes, porque ele era o deus da permuta sob todas as formas. Era ele também a quem todos invocavam para adquirir os dons da memória e da palavra.

Ocupava-se da paz e da guerra, das querelas e dos amores dos deuses, do interior do Olimpo, dos interesses gerais do mundo, no céu, assim como na terra e nos Infernos. Encarregava-se de fornecer e servir ambrosia à mesa dos Imortais, presidia os jogos, as assembléias, escutava os discursos e respondia, ou por si ou de acordo com as ordens recebidas.

Conduzia ao Inferno, reino de Hades, ou Plutão para os romanos, as almas dos mortos com a sua vareta divina ou o seu caduceu (vara com a insígnia de Hermes: duas serpentes enroscadas e asas). Algumas vezes reconduzia as almas à terra. Ninguém morria antes que ele tivesse inteiramente rompido os laços que unem a alma ao corpo.

Hermes transmitia aos deuses as preces dos homens e fazia subir a eles a fumaça dos sacrifícios, comuns em quase todas as religiões, desde a católica até aquelas praticadas pelo Incas, Maias e Aztecas nas Américas. Mas é sobretudo o mensageiro dos deuses e o fiel intérprete das ordens que está incumbido de levar.

Deus da eloquência e da arte de bem falar, ele o era também dos viajantes, dos negociantes e mesmo dos ladrões. Embaixador plenipotenciário dos deuses, assistia aos tratados de aliança, sancionava-os, ratificava-os, não era estranho às declarações de guerra entre as cidades e os povos. Dia e noite não cessava de vigiar atento e alerta. Era o mais ocupado dos deuses.

Acompanhava e guardava Hera, esposa de Zeus e conhecida como Juno entre os romanos, com toda perseverança, impedindo-a de urdir qualquer intriga. Era mandado por Júpiter para facilitar-lhe encontros com as mortais. Atirava-se do alto do Olimpo e atravessava o espaço com a rapidez do raio.

Os homens acrescentavam outras qualidades divinas, atribuindo a ele muitos talentos. Não somente contribuía para o desenvolvimento do comércio e das artes, como também se dizia que fora ele quem em primeiro lugar formara uma língua exata e regular, quem inventara os primeiros caracteres da escritura,

quem regulara a harmonia das frases, quem dera nome a uma infinidade de coisas, quem instituíra práticas religiosas, quem multiplicara e fortalecera as relações sociais.

4 Comércio e Comunicações

A associação entre comércio e comunicações, que tem em Hermes sua imagem, não é estranha. Este veículo de comunicação, usado neste momento para comunicar estas idéias sobre mitologia aos leitores, chama-se *Jornal do Comercio* desde sua fundação, há mais de 80 anos (3).

Finalmente, Hermes foi o inventor da lira, instrumento baseado na modulação digital do som, à qual deu três cordas, e que ficou sendo o instrumento de Apolo. As suas qualidades são contrabalançadas por defeitos. O seu gênio inquieto, a sua conduta dolosa suscitaram-lhe mais de uma questão com os outros deuses. Zeus mesmo, esquecendo um dia todos os serviços desse dedicado servidor, expulsou-o do céu, reduzindo-o a guarda de rebanhos na terra. Na mesma época em que Apolo foi também banido do Céu.

Hermes era um nome dado a certas estátuas de mármore, e algumas vezes de bronze, sem braços e sem pés. Os atenienses e outros povos da Grécia, mesmo depois os romanos, colocavam Hermes nas encruzilhadas das cidades e grandes estradas, porque ele protegia as viagens e os caminhos. A palavra comunicação tem sua origem ligada às viagens ou estradas. No Brasil, por exemplo, o Ministério da Viação e Obras cuidou da telefonia, telegrafia e radiodifusão por muitos anos. Na América do Norte, o termo comutar também se refere à viagem de uma cidade a outra.

Há um pouco de Hermes no Arcanjo Gabriel, mensageiro de Deus, inclusive na atividade de interação com mortais. Assim como Zeus, Deus também criava e destruía entidades (como no caso do dilúvio), tinha dúvidas (como a que o assaltou no episódio da circuncisão de Abraão), tinha raivas e ciúmes, não conseguia controlar adequadamente suas criações, exigia sacrifícios dos mortais e, sobretudo, fertilizava mulheres na Terra. Hércules é uma outra imagem grega de Jesus, nascido da relação entre Zeus e a mortal Alcmena, virtuosa esposa de Anfitrião.

Para seduzi-la, Zeus assumiu a forma de Anfitrião enquanto este estava ausente de casa. Quando seu marido retornou e descobriu o que tinha acontecido, ficou tão irado que construiu uma grande pira e teria queimado Alcmena viva, se Zeus não tivesse mandado nuvens para apagar o fogo, forçando assim Anfitrião a aceitar a situação, assim como José aceitou seu papel secundário na religião cristã.

Hércules foi o mais famoso dos semi-deuses e, como Jesus, também veio ao mundo para realizar grandes feitos. Por toda a antigüidade ele foi muito popular, o assunto de numerosas histórias e incontáveis obras de arte. Apesar das mais coerentes fontes literárias sobre suas façanhas datarem apenas do século III A.C., citações espalhadas por vários locais e a evidência de fontes artísticas deixam muito claro o fato que a maioria, se não todas, de suas aventuras era bem conhecida em tempos mais antigos.

Como nos contos católicos, resumidos na Bíblia, os gregos também tinham sua árvore secreta, que produzia pomos de ouro. Estes pomos, a fonte da eterna juventude dos deuses, cresciam em um jardim nos confins da terra. Foram um presente de casamento de Gaia a Zeus e Hera. A árvore que dava as frutas douradas era cuidada pelas ninfas chamadas Hespérides e guardada por uma serpente, como reza a mitologia cristã. Levar os pomos de ouro a Euristeu foi o último trabalho de Hércules. As maçãs de Hespérides simbolizavam a imortalidade e este trabalho final significaria que Hércules deveria ascender ao Olimpo, tomando seu lugar entre os deuses.

5 Conclusões

Um dos semi-deuses recentes das comunicações, David Sarnoff, também se prestava ao papel de um Hermes moderno. No começo de sua carreira, no início do século vinte, na Marconi Company, depois nacionalizada pelos americanos para Radio Corporation of America (RCA), ele, além de do ofício de telegrafista, fazia o papel de mensageiro do deus das comunicações da época, Guglielmo Marconi.

Marconi o utilizava para levar recados seus para diversas amantes que mantinha em Nova Iorque. Por seus préstimos, Sarnoff ganhou a simpatia de Marconi e um posto de gerente na recém-criada RCA. De gerente, passou em alguns anos a presidente da empresa, reinando no Olimpo das comunicações por meio século.

Referências

Marcelo S. Alencar. O Mensageiro dos Deuses – Parte I. Artigo para jornal eletrônico na Internet, *Jornal do Commercio On Line*, Recife, Brasil, Dezembro 2002.

Marcelo S. Alencar. O Mensageiro dos Deuses – Parte II. Artigo para jornal eletrônico na Internet, *Jornal do Commercio On Line*, Recife, Brasil, Janeiro 2003.

Marcelo S. Alencar. O Mensageiro dos Deuses – Parte III. Artigo para jornal eletrônico na Internet, *Jornal do Commercio On Line*, Recife, Brasil, Janeiro 2002.

Marcelo S. Alencar. *História da Comunicação no Brasil*. Marcelo Sampaio de Alencar, Editor, ISBN 978-85-910418-3-1, Campina Grande, Brasil, 2011.